

PIBID: RELATOS DE EXPERIÊNCIA E CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DOCENTE

Jéssica Costa Leandro¹
costaleandroj@gmail.com

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é explanar minhas experiências como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) da Universidade Regional do Cariri (URCA), campus Crato. Através de trabalhos que foram desenvolvidos na EEMTI Dona Maria Amélia Bezerra, na cidade de Juazeiro do Norte, em que o meu grupo ficou responsável, juntamente com o nosso supervisor, pela eletiva de Inglês Básico. Além de compartilhar vivências constato aqui a importância do programa para os cursos de Licenciatura, pela responsabilidade de oferecer desde o começo da graduação essa relação entre graduando e escola. Juntamente com a universidade o futuro professor encontra um ambiente que se torna mais rico para sua transformação e amadurecimento pessoal e profissional. Para o embasamento teórico utilizo do conceito de conexão entre Linguagem e Cultura de Brown (2001) e do conceito de educação transgressora como exercício da liberdade de Hooks (2013).

Palavras-chave: PIBID, Formação de professores, Educação, Docência.

INTRODUÇÃO

O Pibid é um programa que proporciona bolsas de iniciação à docência aos alunos de cursos de licenciatura presenciais para que desenvolvam projetos durante um estágio nas escolas públicas e que, formados, se responsabilizem com o ofício da docência na rede pública. O objetivo é adiantar um vínculo entre os futuros professores e as salas de aula que geralmente só acontece em estágios no final da graduação. Uma iniciativa que estabelece uma conexão entre a universidade e escolas públicas.

O Pibid da URCA se iniciou em agosto de 2018, e a autora é parte do grupo responsável pela Língua Inglesa. Coordenador, supervisores e bolsistas formam um time em que, nas reuniões quinzenais, os participantes dividem experiências, são discutidos temas educacionais e decididas todas as atividades a serem desenvolvidas nas escolas, alguns com a língua portuguesa e outros com a língua inglesa. Sempre um ambiente de muita sintonia e de colaboração pelo desejo compartilhado de realizar trabalhos que façam a diferença nas vidas dos alunos envolvidos.

¹Graduanda do Curso de Letras da Universidade Regional do Cariri- URCA, jesscostal@yahoo.com.br.

Objetiva-se aqui relatar as atividades que desenvolvidas com a Eletiva de Inglês Básico na EEMTI Dona Maria Amélia Bezerra, localizada na cidade de Juazeiro do Norte, Ceará. Assim como discorrer sobre as dificuldades e desafios que os bolsistas enfrentam com os alunos, com os recursos da escola, e com a própria universidade. Por fim, mesmo diante de obstáculos, é nítida a importância que o programa tem na formação de professores e também para os aprendizes com o incentivo ao ensino da língua inglesa menos técnico e tradicional, com aulas mais dinâmicas e estimulantes.

METODOLOGIA

O caminho metodológico utilizado consiste em revisão bibliográfica, como Brown (2001) e Hooks (2013), e pesquisa em textos e artigos que tratam do tema cultura e linguagem, formação de professores e práticas em sala de aula.

DESENVOLVIMENTO

Estas atividades aconteceram na EEMTI Dona Maria Amélia Bezerra e na Universidade Regional do Cariri, ficando ao cargo de Shalatiel Bernardo Martins a função de orientador do grupo ao qual pertence a autora e a função de supervisor coube a Fernando Gledson dos Santos Lima.

O grupo de bolsistas do PIBID que ficaram na EEMTI Dona Maria Amélia Bezerra foi dividido em dois grupos para que cada equipe ficasse responsável junto ao supervisor por uma das eletivas do catálogo da escola. O grupo da autora decidiu ficar com a eletiva Inglês Básico. Desde aí iniciou-se todo o processo de estudo e definição de conteúdos e atividades que julgaram interessantes de realizar.

De início, as atividades realizadas dentro da URCA consistiram basicamente de reuniões quinzenais com o orientador e o grupo todo de bolsistas do PIBID e, em paralelo, aconteciam também encontros entre os bolsistas e supervisores para o planejamento de atividades nas escolas. As reuniões com o orientador e com o supervisor era um momento onde o bolsista podia compartilhar com o grupo as atividades desenvolvidas naquele período, criando a oportunidade de troca de conhecimentos entre os demais bolsistas, o professor supervisor e o professor orientador, visando à melhoria do ensino e aprendizado.

Ficou definida uma ementa para a eletiva com todo o conteúdo programático que a equipe explanaria durante o semestre, como mostra o quadro 1 abaixo:

AULAS	CONTEÚDO PROGRAMÁTICO
AULA 1	Greetings; possessive adjective pronouns; alfabeto; títulos.
AULA 2	Verb to be; subject pronouns; números.
AULA 3	Pronomes interrogativos com o verbo to be; países; adjetivos.
AULA 4	Cultura de um país.
AULA 5	Avaliação e correção comentada.
AULA 6	Roupas e cores; pronomes possessivos.
AULA 7	Present continuous; marcadores temporais.
AULA 8	Simple presente; família; dias da semana.
AULA 9	Cultura de um país.
AULA10	Avaliação e correção comentada.
AULA11	Partes da casa e móveis; there to be.
AULA12	Alimentos; advérbios de frequência.
AULA13	Simple past e verbos regulares e irregulares.
AULA14	Object pronouns.
AULA15	Cultura de um país
AULA16	Avaliação e correção comentada.
AULA17	Reflexive pronouns; indicadores de sequência.
AULA18	Comparativo de igualdade e superlativo.
AULA19	Cultura de um país.
AULA20	Avaliação e correção comentada

Quadro 1. Ementa da Eletiva Inglês Básico.

Seguindo sempre um padrão: três aulas voltadas para assuntos gramaticais e para aprimorar o vocabulário, uma aula toda baseada na cultura de um país e, por fim, uma aula onde a equipe aplicava a avaliação com os assuntos abordados, com a posterior correção e elucidação das dúvidas.

A ideia de sempre separar uma aula periodicamente para fazer uma “viagem cultural” para um país que fale a língua inglesa foi o ponto alto da eletiva. A equipe de bolsistas produziu um passaporte que seria “carimbado” a cada aula que fariam junto dos alunos. Os países que foram trabalhados no primeiro semestre foram: Austrália, Irlanda e Jamaica. O “carimbo” do passaporte era um adesivo e eram colados no início da “viagem”. Como mostram as imagens 1, 2 e 3 abaixo:

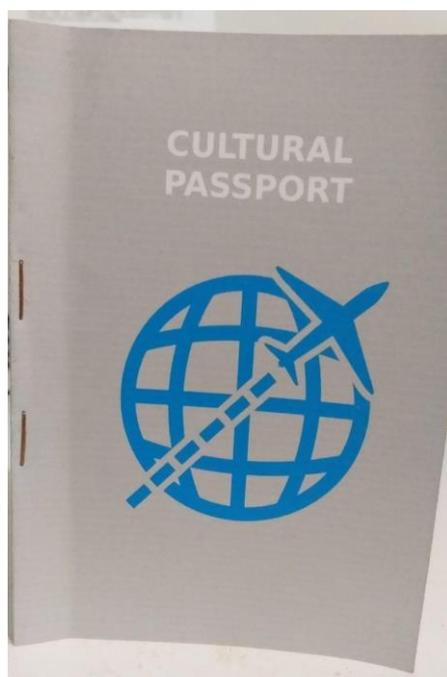


Imagem 1. Frente do Passaporte.

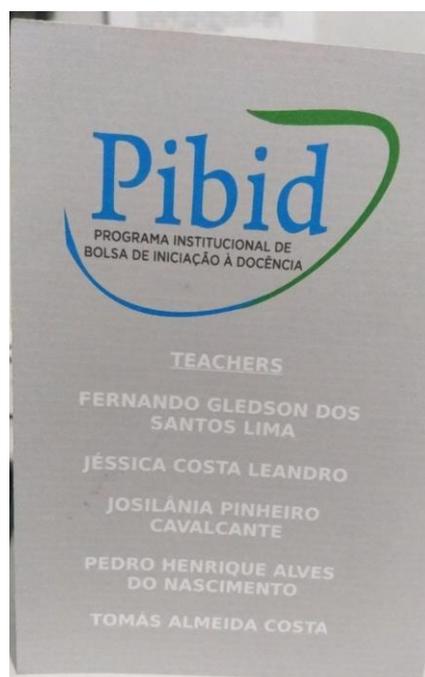


Imagem 2. Verso do Passaporte.



Imagem 3. "Carimbos" do Passaporte.

Essa aula “especial” consistia numa imersão na cultura do país escolhido, começando a aula com pontos da sua história e geografia, situando o aluno no ambiente do país. Seu clima, fauna e flora também eram abordados. Depois a equipe de bolsistas falava de algumas curiosidades, atores, cantores, esportes, culinária e expressões e sotaques. Inclusive, a autora e demais membros da equipe sempre buscavam levar algum prato típico do país trabalhado naquela aula, ou ao menos algo próximo. Por exemplo, na aula da Austrália a equipe levou o pão australiano, na da Irlanda chocolate e na da Jamaica um bolo de batata.

EDUCAÇÃO MULTICULTURAL

Com uma base escolar muito tradicional, em escolas católicas, e onde o professor era alguém superior aos alunos e que o deviam respeito acima de tudo. Hoje, na faculdade e ao ter contato com a docência através do PIBID percebemos mudanças na relação aluno-professor. Uma relação muito mais acessível e próxima e que tem refletido muito na forma de construir o aprendizado. A verdade é que as mudanças começaram, mas ainda são insuficientes e não há uma preparação para lidar com elas. Já que a realidade tem mostrado que a maioria dos professores resistem a essas transformações e que, segundo HOOKS (2013, p-31), têm apreensão de perder o domínio em sala de aula ao se deparar com conteúdo de debates e modelos diversos.

Percebemos que através da aula cultural acabávamos por ensinar muito mais que características de um país, ensinávamos, mesmo sem perceber, sobre identidade, autoconhecimento e respeito as diferenças que não se restringem entre países, mas que podemos percebê-las muito mais perto, como dentro da sala de aula. Esses aprendizados que o multiculturalismo traz não seriam alcançados se a equipe de bolsistas em sala seguisse o modelo tradicional de ensino voltado apenas para as habilidades de oralidade, leitura e escrita.

Os trabalhos que os bolsistas do PIBID fazem nas escolas representam essa mudança que a sala de aula necessita. É objetivo dos membros do programa inovar no ensino, escutar os alunos e trabalhar com eles de forma proativa, em conjunto. É assim que surgem trabalhos como a viagem cultural, o “aulão” do Halloween, onde mais que uma festa, foi também convidada uma professora boliviana para falar e compararmos com o “Día de Los Muertos”. Também foram realizados o Spelling Bee, o “soletrando”, onde o alfabeto e vocabulário em inglês pode ser estudado dentro de uma competição, de forma mais dinâmica e interessante para os alunos.

Assim, salienta HOOKS (2013, p-63):

“Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora.”

LINGUAGEM E CULTURA

O princípio da conexão entre linguagem e cultura significa, segundo BROWN (2001, p.64), que a linguagem e a cultura estão intrinsecamente interligadas. À medida que alguém consegue aprender uma língua, com ela se aprende características culturais advindas dela. Fazendo um paralelo com a execução da aula “Viagem Cultural” podemos identificar as cinco aplicações, mencionadas por Brown, que devem ser seguidas em sala de aula para concretização desse princípio.

A primeira direciona a discutir as diferenças entre culturas enfatizando que não existe uma cultura suprema, mas entender a interculturalidade é um aspecto importante no aprendizado de uma língua. Isso acontece ao mostrarmos as curiosidades dos estrangeiros que diferem da rotina dos brasileiros, seja quanto a alimentação, quanto a formas de comemorar alguma data especial. Esse tópico também se apresentou bastante na aula em que falamos do Halloween e Día de Los Muertos.

O segundo e terceiro tópico orientam inserir certas atividades e materiais que ilustrem a ligação entre linguagem e cultura e ensinar aos aprendizes conceitos relacionados a sociolinguística. Nas aulas sempre levamos palavras e expressões típicas do país, gírias e também mostramos a questão das mudanças de sotaques. A história do país, seus colonizadores, a etnia de sua população tem relação direta com a forma de se expressar de um povo.

O quarto e o quinto discorrem sobre o cuidado que deve existir na escolha do material utilizado em sala de aula, relacionado, principalmente, a não trazer questões que possam ser culturalmente ofensivas e focar a aula nos pontos positivos da cultura estrangeira e da nossa cultura, que é um dos objetivos dos bolsistas do programa nas aulas: trazer o que há de melhor e interessante de cada país.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Constatamos que as atividades realizadas como bolsistas do PIBID nas escolas públicas são de grande valor para os alunos, a escola e nós futuros professores. Através de observações do nosso orientador e supervisor percebemos nosso crescimento e melhor desenvoltura em sala de aula, com a formulação de atividades, transmissão de conteúdos e domínio de classe.

Diante disso, é lamentável o atual cenário em que o programa esteja correndo risco de não continuar devido à falta de verba decorrente de uma conjunção de fatores que vão desde restrições orçamentárias até descompromisso governamental quanto a qualidade da educação, o que passa pela adequada formação de futuros professores. Seria interessante que a metodologia de vivência prática em sala de aula se fosse parte de todos os semestres dos cursos de licenciatura e que fosse oportunizado a todos participarem. É essa reflexão que Canário (2001,p-40) traz ao dizer que a situação da formação preliminar de professores lucraria se fosse compreendida como uma construção que envolve a relação concomitante dos futuros professores, os professores da universidade e os professores supervisores das escolas participantes do programa,

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PIBID é um programa que se mostra essencial na formação do professor. Não há teoria que substitua a vivência em sala de aula, e a oportunidade de ter essa experiência desde o começo da graduação faz toda a diferença. Defendemos um trabalho que fuja da superficialidade, que o aluno faça parte de todo o processo juntamente com o professor, daí sempre buscarmos atividades lúdicas que chamem a atenção da escola e dos alunos.

No grupo de bolsistas da URCA, através de todas as atividades produzidas e discussões trazidas, constatamos que a profissão do professor, por muitos desvalorizada, ainda brilha nos olhos de alguns. Vemos uma vontade de fazer diferente, de estimular e transformar os alunos que temos contato.

Dada tantas problemáticas que o ensino e os graduandos de licenciaturas ainda continuam a enfrentar. Acredito que o trabalho realizado pelo PIBID significa esperança e evolução em matéria de ensino, e se encaixa perfeitamente na educação como prática da liberdade de HOOKS (2013, p-25), que observa e instrui que:

“A educação como prática da liberdade é um jeito de ensinar que qualquer um pode aprender. Esse processo de aprendizado é mais fácil para aqueles professores que

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

também creem que sua vocação tem aspecto sagrado; que creem que nosso trabalho não é o de simplesmente partilhar informação, mas sim o de participar do crescimento intelectual e espiritual dos nossos alunos. Ensinar de um jeito que respeite e proteja as almas de nossos alunos é essencial para criar as condições necessárias para que o aprendizado possa começar de modo mais profundo e mais íntimo.”

REFERÊNCIAS

BROWN, H. Douglas. Teaching by Principles: an Interactive Approach to Language Pedagogy. In: _____. A “Methodical” History of Language Teaching. 2. ed. San Francisco: Longman, 2001.

CANÁRIO, Rui. A prática profissional na formação de professores. In: CAMPOS, Bártolo Paiva (Org.). Formação profissional de professores no ensino superior. Porto, Portugal: Porto, 2001.

HOOKS, Bells. Ensinando a transgredir: a Educação como prática de liberdade. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.